

Maria Isaura e o cangaço

Roberto Cipriani

Como citar: CIPRIANI, R. Maria Isaura e o cangaço. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.).
Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora: ensaios sobre a sociologia
de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São
Paulo: FAPESP, 1999. p. 185-188. DOI:
<https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p185-188>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

MARIA ISAURA E O CANGAÇO

Roberto Cipriani¹

Introdução

Ao fim de um período de ensino na Universidade de São Paulo recebi, como lembrança, um livro de fotografias sobre o sertão. Foi a própria Maria Isaura quem me deu o presente, chamando-me a atenção para a singular beleza daquele território. Na verdade, não compreendi de imediato a sua importância. *Passados alguns anos, pude finalmente perceber a relevância histórica, cultural e ecológica daquela vasta zona que muitos consideram como o verdadeiro berço do Brasil: o sertão.*

Essa consideração, feita não só por muitos nordestinos, mas também por pessoas de outras regiões, não é puramente sentimental, tendendo a sugerir hipóteses de raízes místicas, legendárias em um particular contexto geográfico. Atualmente é aceito, até cientificamente, que de fato, naquela mesma área já viveram – muito tempo antes da *descoberta* da América e mesmo do início da era cristã – os primeiros brasileiros, alguns dos quais foram autores de uma série de desenhos rupestres que a arqueóloga Niède Guidon fez conhecer e valorizar, também através de seus ensinamentos junto à École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, de Paris, instituição da qual a nossa Maria Isaura faz parte há anos.

O sertão pode ser considerado, pois, como o berço do antigo *homo brasiliensis*. Por outro lado, o sertão é também sempre o ambiente no qual se origina e se difunde o fenômeno do cangaço que teve importante papel na história brasileira, sobretudo entre os anos de 1870 e 1940.

¹ Professor de Sociologia da Universidade de Roma “La Sapienza”. Tradução da Professora Fátima Cabral. Revisão do Professor Tullo Vigevani.

Os cangaceiros

Na coleção *Anthropos* organizada por Vittorio Lanternari (conhecido autor de *Movimenti religiosi di libertà e salvezza del popoli oppressi*) foi publicada em 1993 a tradução italiana de um livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz, com o título *I cangaceiros. I banditi d'onore brasiliani*.²

Diria que não se trata de um texto acadêmico no sentido pleno do termo. As notas de rodapé são mínimas, reduzidas verdadeiramente ao essencial. A linguagem é simples, didática, quase de divulgação, própria para um leitor não necessariamente culto, típico freqüentador de biblioteca municipal para consulta rápida e com prateleiras acessíveis ao público (modelo esse, bastante divulgado no Brasil, como é fácil constatar inclusive em Marília, onde as obras da nossa autora têm boa presença).

A simplicidade do texto não é, contudo, indício de superficialidade, já que alguns trechos, mesmo nessa sua forma sintética, apresentam as características de um verbete de enciclopédia, enxuto, curto, mas rico de conteúdo, de alusões, de significados não expressos, resultados, de qualquer modo, de aprofundamento prévio. Talvez desagrade – ao pesquisador diversamente habituado – a falta de desenvolvimento posterior de idéias e de hipóteses apenas formuladas, de interpretações só iniciadas, de problemáticas levantadas e não de todo resolvidas. O discurso fica como que suspenso, vago, não definido de uma vez por todas. É a prudência típica do cientista sério, rigoroso, que sabe bem que no futuro poderão surgir outros dados mais precisos, mais convincentes, melhor comprovados.

De resto, não deve constituir um problema a escolha de todo *isauriana* de colocar as hipóteses no final e não no início do relatório de pesquisa. Na realidade, para ela são os dados a falar e a fornecer indícios de hipóteses. Assim, a sua metodologia parece encontrar-se com a *grounded theory* (a teoria baseada em dados) de Strauss e Glaser, os quais extraem inteiramente as hipóteses

²Nápoles: Liguori Editore, tradução de Laura Ferrarotti. Originalmente publicado em Francês: *Os cangaceiros: Les Bandits D'Honneur Brésiliens*. Paris: Julliard, 1968. 223 p. Publicado em Português: *Os cangaceiros*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. 226 p. (N. O.).

do próprio desenvolvimento da pesquisa, voltando-se somente ao exame dos resultados empíricos.

Se porém as hipóteses só surgem no final, é também verdade que a conclusão do livro de Pereira de Queiroz é rico de observações em seus múltiplos aspectos, cada um dos quais mereceria um capítulo monográfico: a industrialização e a *leadership*, a economia da borracha e a herança da terra, a melhoria das condições sanitárias e a expansão demográfica, a mobilidade e as relações (e conflitos) de parentesco e familiares, a estratificação social e a urbanização.

Na realidade, o nó central é estabelecer o caráter do banditismo representado pelos cangaceiros. Trata-se de um banditismo social? Não, responde a autora: é mais uma questão de honra (ofensa e reparação, perigo e defesa). E nem tem qualquer coisa a ver com o célebre Robin Hood. Por outro lado, não é o caso de comparar os cangaceiros aos *cowboys*. Diferenças substanciais se registram mesmo numa eventual comparação com os exemplos italianos; com o bandido siciliano Giuliano, em atividade na primeira metade deste século, ou com Michele Pezza, conhecido como Fra Diavolo, que viveu entre o fim do século XVIII e o início do século XIX.

Todavia, não faltam elementos de semelhança entre este último personagem e Lampião: ambos são suspeitos de terem feito um pacto diabólico para permanecerem invencíveis; o primeiro foi chefe dos bandoleiros calabreses na insurreição do cardeal Ruffo, enquanto o segundo, a pedido do Padre Cícero, comandou seus cangaceiros contra a Coluna Prestes (um grupo de revoltosos do exército); um foi também coronel de Fernando da dinastia Bourbon, o outro foi nomeado capitão do exército brasileiro; Fra Diavolo, encontrando-se em dificuldades, retirou-se para a região de Abruzzo; Lampião, cercado, preferiu refugiar-se em Raso da Catarina; no fim, o bandido italiano foi preso em Avellino e enforcado em Nápoles, Lampião foi morto em Angicos, depois teve sua cabeça levada para Santana do Ipanema, exposta na frente da igreja principal do lugar e depois conduzida à capital do Estado, Maceió, e por fim a Salvador. Essas são algumas das comparações possíveis entre os dois; é difícil encontrar outras.

Por outro lado, não faz sentido confrontar o banditismo do cangaço com a máfia. É verdade que ambos possuem um código de honra, contudo, há diversidades profundas, que não permitem comparações.

A autora quase sugere uma hipótese: “não estamos longe do bandido còrsico”. Mas limitar-se a dizer isso não basta. Seriam necessárias provas mais fortes, bem além de uma simples sugestão.